

---

# SALOMÉ LAMAS

---

# FATA- MORGANA

---

---

27 outubro 2018 - 13 janeiro 2019  
Culturgest Porto

O filme e a instalação *Fatamorgana* têm o seu início num projeto que Salomé Lamas desenvolveu em 2017 para o BoCA – Biennial of Contemporary Arts, seguindo o repto de conceber uma peça para palco. O trabalho foi levado à cena a 12 e 13 de abril do ano passado, mas continuava por realizar o filme. Foi a partir do convite da Culturgest para desenvolver um projeto para o espaço do Porto, e da decisão de António Cachola de o incorporar na sua coleção, que a artista e cineasta decidiu concretizar a instalação filmica, concluindo o guião e realizando o projeto na sua versão de instalação.

O filme, com um prólogo que apresenta a série de *screen tests* que efetuou até encontrar a atriz que iria desempenhar o papel de Hanan, desenvolve-se a partir do modelo de sequência de imagens fixas que foi utilizado por Chris Marker em *La Jetée* (1962). A comparação é inevitável, não só porque a utilização de imagens fotográficas a preto e branco necessariamente a isso mesmo compelem, mas porque se trata de uma viagem no tempo, na história recente, no lugar onde a heterotopia e a heterocronia são a única razão de ser: um museu de cera. No espaço desse museu, a personagem feminina entabula diálogos com as personagens representadas e, em consequência desses diálogos, surge um palimpsesto de narrativas e citações proferidas por vozes que nunca sabemos ao certo se são oriundas da imaginação de Hanan, deambulando pelo museu encerrado, ou se são citações de afirmações realmente proferidas pelas personagens históricas retratadas, ironias a propósito dos colapsos da história recente, recreações de afirmações dúbias, especulações ou mesmo pura ficção.

De facto, o monólogo de Hanan, tão próximo do monólogo de Molly Bloom que encerra *Ulisses* de James Joyce, produz um fresco da malha política do Médio Oriente e, por essa via, da complexa conflitualidade do mundo contemporâneo. Hanan vive em Beirute e a complexa realidade do Líbano, a história dos conflitos no Médio Oriente, a luta entre xiitas e sunitas, a modernidade e o peso histórico da tradição, o conflito israelo-palestiniano, o jogo das potências ocidentais, a memória da Guerra Fria, até mesmo a perplexidade inerente ao populismo da era Trump, são o pano de fundo do seu trauma, que se vai desvelando à medida que a sua narrativa se desenvolve.

A guerra – no caso do Líbano, a guerra civil, mas também a proximidade em relação à Síria –, traz consigo um plano de inevitável e permanente recuperação da memória, mas também a abertura de uma ferida permanente, vívida mesmo quando aparentemente cauterizada. A guerra é o membro-fantasma que afeta a narrativa de Hanan, as suas memórias pessoais cruzadas com a história recente e as declarações dos vários protagonistas (de Yasser Arafat a Donald Trump).



O cenário do filme, o museu de cera, é um repositório caricato da história, galeria de cabeças falantes que vão, num palimpsesto temporal, misturando falas oras colhidas a discursos históricos, outras vezes ficcionais, interpretadas pela voz mimética de um ator, esporadicamente resultado de recolhas de gravações, sempre pontuadas pela personagem feminina que, como Penélope, constrói uma teia, sob a forma prosaica de uma camisola. A estrutura da tragédia, com um coro, permeia o filme, a partir da procura de uma criança, bem como da memória do marido ausente – embora a cronologia da narrativa seja condensada num só dia, como acontece em *Ulisses*. A estrutura do discurso de Hanan, uma Diotima em permanente vai-vem entre as suas memórias pessoais e o curso da história recente, oscila entre o factual, o prosaico, a interrogação existencial, o testemunho histórico, a tragédia e a ironia num cruzamento babélico de línguas e textos.

Por isso, tão importante como o diálogo, urdido como uma teia de *samples* (quase um trabalho de DJ literário), é o posfácio que lista todas as contribuições, resultando numa espécie de “leporello” histórico.

No piso de baixo, nas caixas-fortes da antiga agência bancária, Salomé Lamas realizou uma instalação sonora na qual os sons bélicos se repetem num mantra rítmico e o som dos nossos passos é abafado por uma camada de borracha negra.

O caráter físico da experiência da obra, a longa duração do filme, a complexidade do texto e a intensidade da experiência sonora convertem esta instalação num ensaio corporalizado sobre a contemporaneidade e a experiência da mais inquietante estranheza que se manifesta na mais próxima familiaridade.



*Fatamorgana*, 2018  
Instalação vídeo HD, 2:39,  
cor, som Dolby 5.1, 120 min, loop,  
dimensões variáveis.  
Coleção António Cachola

*Affektenlehre*, 2018  
Em colaboração com Miguel Martins.  
Instalação sonora, som Dolby 5.1,  
20 min, loop, néon (25 x 188,4 cm),  
granulado de borracha,  
dimensões variáveis.

*Fatamorgana*, 2018  
Em colaboração com Isabel Ramos.  
Publicação. Impressão offset,  
24 x 34 cm, 64 pp, 1.500 exemplares.

Salomé Lamas estudou Cinema em Lisboa e Praga, Artes Visuais em Amesterdão e é doutoranda em Arte Contemporânea em Coimbra.

O seu trabalho tem sido exibido tanto em contextos artísticos como em festivais de cinema tais como Berlinale, BAFICI, Museo Arte Reina Sofia, FIAC, MNAC – Museu do Chiado, DocLisboa, Cinema du Réel, Visions du Réel, MoMA – Museum of Modern Art, Museo Guggenheim Bilbao, Harvard Film Archive, Museum of Moving Images NY, Jewish Museum NY, Fid Marseille, Arsenal Institut fur film und videokunst, Viennale, Culturgest, CCB - Centro Cultural de Belém, Hong Kong FF, Museu de Serralves, Tate Modern, CPH: DOX, Centre d'Art Contemporain de Genève, Bozar, Tabakalera, ICA London, TBA 21 Foundation, Mostra de São Paulo, CAC Vilnius, MALBA, FAEMA, SESC São Paulo, MAAT, La Biennale di Venezia Architettura, entre outros.

Lamas recebeu diversas bolsas, tais como a Gardner Film Study Center Fellowship – Harvard University, Fundación Botin, Rockefeller Foundation – Bellagio Center, Fundação Calouste Gulbenkian, Sundance, Bogliasco Foundation, MacDowell Colony, Yaddo, Berliner Künstlerprogramm des DAAD.

Colabora com a Universidade Católica do Porto e a Elías Querejeta Zine Eskola. Colabora com a produtora O Som e a Fúria e é representada pela Galeria Miguel Nabinho – Lisboa.

#### EXPOSIÇÃO

CURADOR  
Delfim Sardo

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO  
Mário Valente

CULTURGEST PORTO  
Susana Sameiro

CONSULTORIA  
DESENHO EXPOSIÇÃO  
Fernando Brízio

AGRADECIMENTOS  
Coleção António Cachola,  
Pedro Pinto, José Manuel Carvalho  
e Ângelo Castro (Biosafe), José Leite  
Faria (Nors Ventures), José Maria  
Ferreira, Diana Menino e José Miguel  
Pinto (ArtWorks), Miguel Nabinho,  
Cristina Lamas, Sara Bozinni, Joana  
Gusmão, Maria Inês Gonçalves  
(ArtWorks), Joana Gusmão

#### APOIOS



#### PRODUÇÃO

Lamaland, em coprodução com  
BoCA – Biennial of Contemporary  
Arts, Les Film du Bal, Curtas  
Metragens – CRL

#### APOIO

CCB – Centro Cultural de Belém,  
ICA – Instituto do Cinema e do  
Audiovisual, Fundação Caixa Geral  
de Depósitos – Culturgest,  
Dgartes – Direção Geral das Artes

#### APOIO AO DESENVOLVIMENTO

CNAP – Centre National des Arts  
Plastiques, Colectivo 84, Marra.tein,  
Ashkal Alwan, 2017 Faliro House –  
Sundance Mediterranean  
Screenwriters Workshop

#### APOIO ADICIONAL

Coleção António Cachola, Fundação  
Calouste Gulbenkian, Screen Miguel  
Nabinho, Walla Collective, Ingreme,  
Alexandra Moura, DB Studios,  
Hall of Fame, Escola das Artes –  
Universidade Católica Portuguesa,  
MacDowell Colony, Terratrene

**KADER ATTIA**

Artes Visuais x

**AS RAÍZES TAMBÉM  
SE CRIAM NO BETÃO**

20 outubro 2018 - 6 janeiro 2019  
Culturgest

---

**JUAN ARAUJO**

Artes Visuais x

**EL JARDÍN DE LOS  
SENDEROS QUE SE  
BIFURCAN**

20 outubro 2018 - 6 janeiro 2019  
Culturgest

---